

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVII Semanade Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

IDENTIDADE E INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Carla Ribeiro de Oliveira¹, Kathleen Bezerra Leite², Tatiane Bantim da Cruz³

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo refletir, a partir de um estudo bibliográfico, acerca das relações de gênero presentes na Educação Infantil. Sabe-se que é a partir das interações com o outro que as crianças vão aprendendo e desenvolvendo suas identidades. É através das práticas educativas que as noções de gênero, predominantes na cultura, vão sendo reproduzidas, produzidas, assimiladas e transgredidas. Gênero é entendido aqui como uma categoria histórica, plural e necessária para a compreensão da humanidade e da prática educativa. Diante disso, ressalta-se a importância do fazer-pedagógico criar situações problematizadoras dos estigmas e estereótipos de gênero presentes na sociedade e não ser espaço de reprodução deles.

Palavras-chave: Educação Infantil. Gênero. Relações de Gênero.

1. Introdução

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, onde as crianças aprendem a vivenciar e articular saberes e experiências até os 5 anos. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), de 2010, essa etapa tem o objetivo de fundamentar, planejar propostas pedagógicas e reunir princípios das diretrizes da educação básica para a garantia de um ensino de qualidade. Para as DCNEI (2010), a criança é um sujeito histórico e de direitos que precisa interagir com o mundo e vivenciar experiências culturais, educacionais para, assim, se constituir como ser social.

É através da socialização com o entorno, constitutivo da cultura, que se constroi a sua identidade de gênero, que "[...] é a forma como alguém se sente e se expõe tanto para si como para os outros, como feminino, masculino, ou uma mistura dos dois..." (Araújo; Esmeraldo, 2014, p. 6). Por estarem inseridos em um contexto atravessado por redes de poder (Louro, 2011) como a escola, a construção identitária tende a partir do pressuposto culturalmente aceito sobre as representações de feminino e masculino. Dessa forma, a educação formal corrobora na formação da identidade porque ensina os alunos a desenvolverem comportamentos diferenciados, a se expressarem de forma singular.

1 Universidade Regional do Cariri, email: anacarla.oliveira@urca.br

2 Universidade Regional do Cariri, email: kathleen.bezerraleite@urca.br

3 Universidade Regional do Cariri, email: tatiane.bantim@urca.br

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVII Semanade Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

A importância das interações sociais para a percepção de si e do outro, mediante o percurso de aprendizagem dos conhecimentos essenciais, é expressa na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) dentro do campo de experiência "O eu, o outro e o nós".

O eu, o outro e o nós – É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais (Brasil, 2018, p. 40).

Ao se perceberem como sujeitos individuais e sociais, as crianças penetram num processo de construção da identidade, encontrando na pré-escola uma gama de experiências práticas que contribuem para esse feito. É também nesses espaços que os corpos são educados a fim de seguir o padrão instituído pela sociedade do que é ser menino e menina, recorrendo, muitas vezes, ao fator biológico, entendendo-o como determinante para a identidade de gênero dos indivíduos.

As crianças manifestam, através de ações simples, das interações, do brincar, as relações de gênero que reverberam no cotidiano. É nele que as noções de masculino e feminino vão sendo produzidas e reproduzidas. É da mesma forma, por meio das atividades comuns à infância, que as desigualdades de gênero são constantemente reproduzidas.

Diante disso, pontuamos a necessidade de refletir sobre as relações de gênero que transitam nos espaços da Educação Infantil, indagando como as crianças manifestam essas relações e de que forma elas são interpretadas pelos docentes, o principal agente socializador do gênero.

2. Objetivo

Refletir sobre as relações de gênero na Educação Infantil.

3. Metodologia

Este trabalho é de natureza qualitativa, realizado através de revisão bibliográfica compreendendo a leitura dos documentos que orientam a educação básica, a saber: a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010), bem como de livros e artigos com autoria expressa ao final.

4. Resultados

No campo da Educação Infantil, as ações "cuidar" e "educar" prescritas no currículo mobilizam sujeitos, processos e práticas pedagógicas que, de antemão, já se encontram comprometidos com a formação social de meninos e meninas. Nesse contexto, os espaços educativos cumprem a função de ensinar não só conteúdos científicos, mas o conjunto de normas e valores sociais

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVII Semanade Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

vigentes, sendo então um dos principais instrumentos que corrobora com a inserção do indivíduo ao meio, transformando-o em um membro da cultura.

Sob o viés do determinismo biológico, a sociedade demanda dos indivíduos que sua conduta esteja alinhada às expectativas que operam sobre o gênero, ou seja, que seus comportamentos, expressões e sentimentos traduzam o significado atribuído por outrem ao seu corpo (Araújo e Esmeraldo, 2014). A diferenciação biológica se apresenta como fator determinante para constituição dos gêneros, ou seja, a diferença física prevalece como sendo o principal aspecto a ser considerado para definição de papéis e comportamentos tidos adequados para homens e mulheres. Assim, conforme salientam as autoras Araújo e Esmeraldo (2014, p. 8):

Ao longo da história, a educação apresentou-se diferenciada conforme o sexo das crianças. A expectativa dos comportamentos a serem desenvolvidos na fase adulta determinava o modo como eram educadas. O processo educativo visava a ensinar os pequenos a corresponderem ao que era esperado do seu sexo diante da sociedade, ...

Com as discussões sobre a categoria gênero, a maneira de pensar o feminino e o masculino foi questionada e problematizada. Observa-se, a partir dos estudos de gênero, que as noções e diferenças de gênero são construídas culturalmente, dentro do dinamismo das interações sociais e de poder, assim como a identidade de gênero, transcendendo a esfera biológica que tende a naturalizar as diferenças entre homem e mulher.

Desde cedo, as crianças sentem na pele essas diferenças através das relações estabelecidas com os pares e com os adultos. Na Educação Infantil, as assimetrias de gênero são reforçadas uma vez que se espera que as crianças se comportem e se desenvolvam de acordo com as possibilidades definidas para a menina e para o menino (Vianna e Finco, 2009).

Assim, é possível perceber que a socialização de gênero nas instituições de ensino perpassa não como uma tarefa questionadora da visão naturalizada em torno das questões de gênero, ainda tão presente, mas como atividade que agrega na disseminação desta, frente à reprodução (e produção) constante de estereótipos de gênero, justificando desigualdades e exclusões.

As relações de gênero preenchem o ambiente escolar ao tempo que as crianças se tornam aprendizes das imposições sociais sem que percebam. Seus corpos são educados para que atendam às expectativas lançadas sobre eles, mesmo antes de nascer. Nesse meio, o fazer-pedagógico encontra-se alinhado às expectativas externas, cristalizando diariamente as representações de gênero predominantes na cultura. A tendência é educar meninos e meninas de forma diferenciada a fim de contribuir com o desenvolvimento de habilidades e comportamentos precificados pela sociedade como pertencentes a um e outro.

Na Educação Infantil, as crianças manifestam as relações de gênero nas interações com os outros, nos gestos e expressões mais comuns, nas brincadeiras, jogos e entre outras atividades que fazem parte das rotinas. Por

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVII Semanade Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

exemplo, por mediação dos gestos, meninos e meninas expressam e reproduzem atitudes julgadas adequadas para cada um. Assim, os meninos são sempre incentivados a não chorar, não demonstrar sentimentos, serem fortes, enquanto as meninas, a serem "femininas", amorosas, cuidadosas.

Nas brincadeiras, as ações que elas reproduzem são reflexos da sociedade organizada sob o binarismo. Repare que as meninas são as que brincam de "cuidar". Suas brincadeiras remetem ao cuidado do lar, e também à estética. Já as dos meninos remetem ao homem provedor ou livre. Nas brincadeiras já são reproduzidas as diferenças do gênero, pois, cada um é incentivado de forma sutil a reforçar habilidades específicas. As autoras Vianna e Finco (2009) destacam que as instituições familiares, creches, pré-escolas e também as culturas têm poder de incentivar nas manifestações do gênero nas crianças, reforçando a ideia da masculinidade e feminilidade e também das habilidades "mais adequadas" para cada gênero.

Além disso, segundo as autoras "o direito a uma educação infantil de qualidade inclui a discussão das questões de gênero" (2009, p. 271). Essas questões podem ser abordadas de diferentes maneiras: na contação de histórias, na roda de conversa, nas brincadeiras, no momento de escolher os brinquedos etc. Os professores podem incentivar as crianças a brincarem em conjunto, a compartilharem brinquedos, a conversar sobre suas aspirações.

Mas, para que tais abordagens tenham efeito, é necessário que os docentes estejam de fato comprometidos com a formação integral dos alunos. Para isso, é crucial se manter atualizado, estabelecendo contato direto com pesquisas e estudos de gênero, pois, do contrário, sem embasamento teórico, poderiam acabar estimulando e perpetuando tal desigualdade. Ao compreender o gênero como categoria histórica, plural, os docentes dão o primeiro passo para desconstrução da visão dominante por meio de "[...] uma ação igualitária gerando um ambiente propício para a criança construir a sua identidade de gênero..." (Oliveira; Mendes, 2017, p. 173).

Ao focalizar uma educação para a igualdade, temos a oportunidade de contextualizar os conceitos relacionados ao gênero na sociedade contemporânea, e um professor que tenha conhecimento em questões dessa área possui habilidades adicionais para contribuir com o repertório de atividades que não estejam limitadas a estereótipos. Ele compreende que a divisão de papéis e tarefas já começa na infância e pode ter repercussões na vida adulta e, assim, busca associar o fazer pedagógico ao diálogo e à problematização dessas divisões.

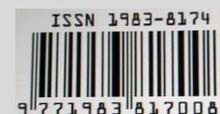
Segundo a autora Carrie Paechter (2009), a primeira fase da infância assume grande importância, pois é nesse estágio que as crianças adquirem habilidades de aprendizado, lidam com regras, adquirem conhecimento grupal e constroem sua concepção de gênero por meio de interações e brincadeiras. Diante disso, fica evidente a relevância dos estudos de gênero.

5. Conclusão

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVII Semanade Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

Conclui-se através do estudo que, desde os primeiros anos, meninos e meninas vivenciam processos de socialização de gênero movidos pelas expectativas sociais, que ditam comportamentos e habilidades diferenciados com base no sexo. Tal cenário é reforçado na pré-escola, espaço que, ao mesmo tempo, reproduz e produz assimetrias de gênero incorporadas nas relações. As crianças manifestam nos simples gestos, nas expressões corporais, no momento de brincar e de escolher o brinquedo, o que o mundo, representado pelo adulto, espera que elas se tornem.

Por isso, é importante que os professores estejam atentos em como essas manifestações são vinculadas à prática pedagógica, ao passo que, se planejadas com base numa pedagogia igualitária, compreendendo as diferenças, sem transformá-las em desigualdades, podem colaborar com a integração das discussões sobre gênero na Educação Infantil. Nesse contexto, aprofundar-se nos estudos de gênero é um ponto crucial para que compreendam o processo de construção do feminino e do masculino. Através disso, as crianças se tornam adultos que podem operar sob uma luz crítica e consciente que lhes permita combater os estereótipos desde a infância.

6. Referências

ARAÚJO, Iara Maria de. ESMERALDO, Joana D`arc. **Educação de meninas e meninos: pensando conceitos, repensando práticas**. In. Nunes C et al. (ORG) Dialogando com os saberes da docência: pesquisas, teorias e práticas. Recife: Liceu, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. - Brasília : MEC, SEB, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Catarina Sales. MENDES, Andreia. **Brincar ao gênero: socialização e igualdade na educação pré-escolar**. Revista ex aequo, n. 36, p. 167-186, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2017.36.10>.

PAECHTER, C. **Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminilidades** / CarriePaethter; tradução, consultoria e supervisão Rita Terezinha Schmidt. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

VIANNA, Claudia. FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder**. Cadernos Pagu n. 33, Campinas, 2009.